As guerras do século XX

Autor(es): Moreira, Adriano

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44996>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-4147_38_1

Accessed : 26-Apr-2023 11:58:32

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

38

Revista Portuguesa de História

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 08

As guerras do século XX

ADRIANO MOREIRA
Professor Emérito da U.T.L.

1. A anarquia europeia

O século XX assistiu a uma espécie de mutação da percepção dominante do fenómeno da guerra, como que relegando para um plano secundário as discussões filosóficas, éticas, e jurídicas. Não foi porém eliminada a presença do pensamento que se desenvolveu desde Grotius no começo do século XVII, até Vattel nos fins do século XVIII, emancipando o discurso jurídico do discurso religioso.¹

O trabalho da construção de um corpo jurídico, tributário de elaborações doutrinárias, vem a concretizar-se em textos fundamentais como as Convenções da Haia de 1899 e 1907, o Pacto da Sociedade das Nações e a Carta das Nações Unidas em vigor: o *jus ad bellum*, o *jus in bello*, apoiam-se em manuais que se multiplicam desde o século XVIII até meados do século XX abalado por duas guerras civis da cristandade chamadas mundiais, cujos desastres acentuaram

¹ Grotius (1583-1645), reorganizando a herança de Gentili (1552-1608) expressa sobretudo no tratado *De jure belli* (1598), fez do seu *De jure belli ac pacis* (1625) uma referência perene, tendo sido chamado “laicisateur du droit international”. Juntam-se sucessivamente Christian de Wolff com *Jus gentium methodo scientifica pertractatum* (1740-1748), e Emerich de Vattel (1714-1767) cujo *Du droit des gens* apareceu em 1758.

a defesa da penalização da guerra, o aprofundamento do direito humanitário, e o florescimento das investigações na área da moral e da filosofia em busca de uma paz ameaçada pelo terrorismo global que dá carácter à polemologia do século XXI.² Todavia, o século XX parece ter instalado no primeiro plano da teorização herdada, como que assumindo a inevitabilidade dos conflitos violentos, uma outra disciplina que é a *estratégia*, a qual se ocupa da condução da guerra. Embora se atribua ao general L. Poirié a adopção do termo, é indiscutível que o general Carl von Clausewitz (1780-1831) aparece identificado como o primeiro grande teorizador da perspectiva, que abstrai das discussões éticas, filosóficas ou teológicas, para realisticamente estudar a guerra como um fenómeno das relações internacionais: *a guerra é a continuação da política por outros meios*, ficou como um conceito identificador do pensamento expresso na sua obra, publicada em 1883 depois da sua morte e sem revisão.³ O texto viria a estar presente no ensino militar alemão, soviético, e ocidental, durante o século XX.

É por isso necessário avaliar a importância que tiveram os seus conceitos de *guerra absoluta* e *guerra real* no desenvolvimento das estratégias do século XX. A *guerra absoluta*, que desenvolve uma *lógica militar pura*, não inclui nenhuma moderação da violência que deve ser levada até ao limite das possibilidades de destruição do adversário. Trata-se de uma abstracção orientadora do processo decisório da *guerra real*, condicionada pelo facto de ser um instrumento da política: esta, tendo por objectivo a submissão do adversário, adapta-se a conseguir realizar a *aquisição* do resultado procurado. Daqui o seu conceito famoso de que a guerra é um camaleão, porque “qualquer teoria que ofereça planos de guerra e de campanha fixos, e saídas perfeitas como que de uma máquina, deve ser rejeitada sem condições”.

Marx e Engels comentaram, em correspondência trocada (1855), a leitura a que se dedicaram da obra que lhes forneceu orientação para a radicalização dos conflitos internacionais e da guerra civil, influenciando a dedicação de Engels ao estudo da arte militar.⁴

² É sempre de consultar R. Aron, *Paix et guerre entre les nations*, Calmann-Lévy, Paris, 1984. M. Walzer, *Just and unjust Wars*, Penguin, 1977. O'Brien, *Just war doctrine in a nuclear conflict*, in Theological Studies, 44, 1983. M. Bettati e B. Konchner, *Le devoir d'ingérence*, Denoel, Paris, 1987.

³ Clausewitz, *De la guerre*, Editions de Minuit, Paris, 1955. R. Aron escreveu uma célebre análise do tratado do general: *Penser la guerre, Clausewitz*, Gallimard, 2 vols, Paris, 1976.

⁴ Arnette Le Bras-Chopard, *La guerre – Théories et ideologies*, Montchrestien, Paris, 1994, que faz uma excelente história da evolução.

É de notar que Lenine parece ter antecipado, pelas conclusões que tirou da leitura de Clausewitz, aquilo que seria a contribuição do general Ludendorff para o desenvolvimento do conceito estratégico daquela obra matricial. Tendo participado na chamada I Guerra Mundial de 1914-1918, o general entendeu propor a substituição da categoria de *guerra absoluta* pelo conceito de *guerra total*.⁵

Ao anunciar aquele conceito, Clausewitz não esquecera que a guerra, que por isso envolvia sempre um apelo à imaginação dos generais, era um acto inscrito numa circunstância de tempo e espaço condicionada pela imprevisibilidade da *boa fortuna* e até das *decisões políticas*. Mas tendo ele absorvido a experiência napoleónica, e a importância da “participação do povo” que a Revolução erigira em princípio, garante este da fidelidade da retaguarda, também se mostrava advertido contra o risco de o exército profissional, que necessita do apoio da nação, ver o princípio da contenção da *guerra real* ser excedido no sentido da radicalização pela intervenção das massas populares no conflito.

Esta prevenção foi afastada pela doutrinação do General Ludendorff, interventor na guerra de 1914-1918, a qual, longe de pressentir a realidade da futura guerra de 1939-1945, todavia registou a intervenção dos populares nos combates, designadamente nas reacções contra as tropas invasoras. O uso dos gases que dramatizaram a memória e a saúde dos sobreviventes, os bombardeamentos de instalações privadas e cidades, desconhecaram o direito internacional, e impuseram as práticas para a subordinação da política ao êxito da guerra total.⁶ Lenine tinha por seu lado apreendido que a tendência da época era que as guerras fossem do tipo da *guerra absoluta* com subordinação instrumental ao poder político, mobilizando a intervenção popular para que as revoltas fossem impiedosas, levando o confronto aos extremos.

A impiedade frequente do sovietismo teve pois apoio nestes textos, em que as outras variantes do marxismo não deixaram de colher ensinamentos. Para Mao as forças armadas e o povo em armas são dois braços que executam a direcção vinda da política, para ganhar o combate contra o ocidental agressor, o combate contra o capitalismo opressor, o combate contra a expansão japonesa humilhante da nacionalidade.⁷

⁵ Hans Speir, *Ludendorff: la conception allemande de la guerre totale*, in *Les Maîtres de la Strategie*, Edward Mead Earle (Dir.), 2.º vol., Stratégies, Paris, 1982.

⁶ Ludendorff, *La guerre totale*, Flammarion, Paris, 1936.

⁷ Mao Tsé-Tung, *Questions de stratégie dans la guerre des partisans antijaponaise*, Pequim, 1938; *Six écrits militaires*, Pequim, 1970; *La guerre revolutionnaire*, Paris, 1962.

Foi importante que Gaston Bouthoul publicasse o seu estudo *Sur la Fonction présumée et la Périodicité des Guerres*, continuando o esforço teorizador de um novo capítulo das ciências sociais que teve a maior expressão no seu *Traité de polémologie*.⁸ O objectivo de racionalizar a experiência, considerando a guerra como um *phénomène social* “ordinnaire”, enfrentou resistências das perspectivas tradicionais de ordem moral e jurídica, e da vinculação à estratégia e à tática, as quais pretendeu superar com a designação inovadora de *polemologia*. Teve um trajecto compensador, pretendendo que a atitude científica seria bem entendida substituindo a velha máxima romana – *se queres a paz, prepara a guerra*, pelo novo conceito – “*si tu veux la paix, connais la guerre*”: data de 1945 a fundação do *Institut Français de la Polémologie*, que foi seguido de vários centros de *Peace Researchs*, nos EUA, e de institutos análogos na Inglaterra, na Alemanha, na Bélgica, na Holanda, na Itália, na Noruega, na Suécia.

Os factos, como veremos, ultrapassaram toda a capacidade de previsão que o método científico pretendeu fortalecer, e não foi possível remeter definitivamente para uma arqueologia ideológica a doutrina sobre a *necessidade da guerra* (Maquiavel, Hobbes, Rousseau), até sobre a *glorificação da guerra* (Fichte, Hegel, Nietzsche), nem validar a enumeração exaustiva das *causas económicas*, das *causas sociais*, das *causas demográficas*, das *causas ideológicas*, e assim por diante.⁹

É longo o discurso sobre a influência dos regimes políticos, com preferência pelos regimes democráticos em defesa da paz, mas talvez possa adoptar-se o realismo de Aron para sintetizar o conhecimento reconhecido. Depois de avaliar os factores geralmente identificados como presentes no processo da guerra, a proposta é a seguinte: o *sistema internacional* é um conceito demasiadamente complexo, que abrange não só fenómenos estaduais, mas também fenómenos de ordem cultural e política de natureza transestadual ou transnacional, pelo que metodologicamente decide restringir o objecto das relações internacionais às relações interestáticas, que correspondem ao *aspecto essencial* da *sociedade mundial*.

⁸ Gaston Bouthoul, *Sur la Fonction présumée et la Périodicité des Guerres*, in *Revue des Sciences Économiques*, Liège, Junho de 1939. *Traité de polemologie*, Editions Payat, Paris, 1991.

⁹ Maquiavel, *L'Art de la Guerre*, Stratégies, Paris, 1980. Hobbes, *Léviathan*, Sirey, Paris, 1971. S. Hoffmann, *Rousseau, la guerre et la paix*, Institut International de Philosophie Politique, P.U.F., 1970. Marcel Brion, *Machiavel*, Editions Complexe, Paris, 1983. Hegel, *Filosofia de la Historia Universal*, Anaconda, Buenos Aires, 1946.

Visto não existir uma “*instância que detenha o monopólio do poder legítimo*”, a violência é normal nas relações entre Estados, pelo que, na sua proposta, a guerra é o fenómeno que autonomiza a disciplina das relações internacionais. Por isso, em vez de prestar exclusiva atenção às *causas da guerra*, procura identificar vários *tipos da guerra*: guerra fria, paz armada, guerras revolucionárias, até à situação que manteve caracterizada no seu talvez último escrito – *Les dernières années du siècle* (1984), como *de guerra impossível, paz improvável*.¹⁰

Esta orientação metodológica é a que parece apoiar mais seguramente o ensaio de racionalizar as guerras do século XX, antecipando que, entretanto, a evolução global obriga a alargar a inclusão de elementos que Aron manteve na periferia do conceito.

Considerando a guerra como último argumento da política, a razoabilidade do século XX pareceu orientada pelo objectivo do equilíbrio, que teve pelo menos duas componentes: *o equilíbrio das capacidades de intervenção, caução do equilíbrio aceite da fronteira dos interesses*.¹¹

Na entrada do século XX, sob a ameaça de explosão da permanente hostilidade entre a Alemanha e a França, a situação europeia foi, sem novidade, frequentemente caracterizada como de *anarquia*.¹² A questão da real *hierarquia das potências*, nunca resolvida pelo princípio da *igualdade das soberanias*, herdou de Bismark o conceito de que existiam na Europa cinco grandes potências de referência, a Alemanha, a Áustria-Hungria, a Rússia, a França, a Inglaterra, e nesse grupo ainda a Alemanha e a Inglaterra se destacavam.¹³

¹⁰ Raymond Aron, *Mémoires*, Paris, 1993. Aron, *Paix et guerre entre les nations*, cit.. Aron, *Plaidoyer pour l'Europe décadente*, Paris, 1979. É excelente o prefácio de Aron a Edward Mead Earle, *Les Maîtres de la Stratégie*, Stratégies, Paris, 1982.

¹¹ Adriano Moreira, *A Europa em formação*, ISCSP, Lisboa, 4.^a ed., 2004. Adriano Moreira, *A Comunidade Internacional em Mudança*, Almedina, Coimbra, 3.^a ed., 2007.

¹² A diplomacia desse período anterior à guerra de 1914-1918, foi objecto do clássico estudo de Harold Nicholson, *The evolution of diplomatic method*, Londres, 1953, sendo estudos de referência os de G. P. Gook, *Before the war: Studies in Diplomacy*, 2 vols., Londres, 1936-1938. G. L. Dickinson, *The International Anarchy*, 1904-1914, Londres, 1926; Norman Angell, *The Great Illusion*, Londres, 1909.

¹³ Lord Asquith, *Discurso na Conferência Imperial de Londres*, 1911, em A. B. Keith, *Selected Documents on British Colonial Policy 1763-1917*, Oxford University Press, Londres, 1953, T. II, pág. 240. Anatole France, *Sur la pierre blanche*, Calmann Lévy, Paris, 1905, contra a “folie coloniale”. David Thomson, *Europe since Napoleon*, Penguin Books, Londres, 1966, pág. 457 e sgts.

2. As guerras civis da cristandade no século XX

Desde o começo do século XX o ambiente político europeu era pois explosivo, com sinais como foram a crise diplomática de 1905 causada pelo confronto da Alemanha e da França em relação a Marrocos, a exaltação da Rússia causada pela anexação da Bósnia (1908) pela Áustria, as guerras dos Balcãs de 1912-1913. As Conferências da Haia de 1899 e 1907 não produziram o arrefecimento do ambiente que atingiu a ruptura com o assassinato do Arquiduque Francisco Fernando em Sarajevo, em 28 de Junho de 1914, com a afirmada cumplicidade da Sérvia.

A leitura histórica dos conflitos raras vezes encontra uma racionalidade plausível que ligue as causas, os objectivos, os resultados, a dimensão da violação dos valores comuns à identidade plural euromundista e ocidental, a enormidade das destruições dos patrimónios, o holocausto, e sempre com dimensão crescente dos exércitos e das populações civis aniquiladas. Quando a Áustria declarou a guerra à Sérvia, em 28 de Julho de 1914, nenhuma prospectiva imaginava que a guerra seria mundial pelos efeitos.

Em pouco mais de uma semana a Europa estava numa guerra civil, com o patriotismo a dinamizar a adesão dos povos, com as resistências socialistas enfraquecidas, e com o modelo da *União Sagrada* – *Union Sacrée*, em França, e da *Burgfrieden* na Alemanha – a orientar a convergência das forças políticas. À futilidade dos motivos e modéstia dos objectivos correspondeu uma debilidade de perspectiva: o Estado Maior Alemão, com o Plano Schieffen, imaginou obter a submissão da França em seis semanas; por seu lado, a França orientada por Joffre esperava liquidar as forças alemãs numa só batalha. A realidade traduziu-se em que, antes do fim do ano, os exércitos estavam enterrados nas trincheiras abertas desde o mar do Norte até à neutral Suíça,¹⁴ calando-se as armas apenas em 1918, com o peso da entrada dos EUA no combate contra a Alemanha e seus aliados, com o Presidente Wilson a assumir a unidade atlântica, e de facto a introduzir o conceito de *ocidente* no exercício da política abrangente do desviamonismo americano de 1776 (Virgínia), um conceito que ganharia progressivo relevo durante o século.

¹⁴ John Agarraty and Peter Gay (ed.), *The Columbia History of the World*, Harper and Bow, New York, 1983, pág. 966. J. Carpentier e F. Lebrun (Directeurs), *Histoire de l'Europe*, Editions du Seuil, Paris, 1989, pág. 400. Gordon A. Craig, *Europe since 1815* Holt, Rinehart and Winston, New York, 1971, pág. 465 e sgts. Paul Johnson, *Une Histoire du Monde Moderne*, II vol., Robert Laffont, Paris, 1985, pág. 365 e sgts.

A literatura da época documenta a angústia que se apoderou das populações em busca de um sentido para a tragédia. O poeta Apollinaire falou dos “obus couleur de lune”, tendo compreendido que “nous venions cependant de naître”. Ernest Junger testemunha que “cada um sentiu nessa data que desapareceu tudo o que nele era pessoal”, e perguntava-se se não estariam “a tornar senhores do mundo o grupo dos grandes especuladores, a degradação da inteligência puramente materialista e lucrativa”. Enquanto Céline proclamava que a guerra era indigna, a loucura encontrava apoio em homens como René Quinton, biólogo, proclamando que “a guerra é o mundo nobre da actividade humana”, e outros, como Louis Madelin, entendiam que “entre 5 e 10 de Setembro, a sorte da França e provavelmente da civilização ocidental, jogava-se nas planícies do Marne”.

Do lado alemão, Erich Maria Remarque tornou-se famoso com o seu *A l'ouest rien de nouveau*, registando a comunhão com a *dor dos cavalos*: “nunca ouvira os gritos dos cavalos e foi-me difícil acreditar. É a total angústia do mundo. É a criatura martirizada, é uma dor selvagem e terrível que geme desta maneira”. Os testemunhos são de angústia, nos escritos de Jean Paulhan, Jean Cocteau, Henri Pourrat, Céline, La Rochelle, e Malraux que descreve o ataque alemão, usando os gases em 1916 contra os russos, ainda assim esperançoso porque “au fond de l'ennemie, il y a la miséricorde”, porque “les soldats allemands portent les Russes presqu'aux ambulances”.¹⁵

Quando, entre 17 de Janeiro e 28 de Junho de 1919, reuniu em Paris a Conferência da Paz, de entre os 27 Estados representados apenas o chamado *Conselho dos Quatro*, Clemenceau pela França, Wilson pelos EUA, Lloyd George pela Inglaterra, e Orlando pela Itália, representava o poder ocidental sobranceiro. As questões territoriais semearam o novo mapa político de novos conflitos futuros, mas o facto essencial foi que a guerra começou em 1914 com 18 Estados e a paz consagrou 26 soberanias.

A ilusão da paz para os nossos dias, que centrou as esperanças na SDN, ajudou a desvalorizar os vários conflitos provocados pelas questões territoriais (Alta-Silésia, Fiume, Ásia Menor), ou pela resistência alemã a cumprir o pagamento das indemnizações, e a fazer do Pacto Briand-Kellog, de 1928, uma esperança de tornar efectiva a *renúncia eterna à guerra*. A partir de

¹⁵ Apollinaire, *Calligrammes*, Editions Gallimard, Paris, 1925. Ernest Junger, *Orages d'Acier*, Christian Bourgois, Paris, 1970. René Quinton, *Maximes sur la guerre*, Grasset, Paris, 1930. Louis Ferdinand Céline, *Voyage au bout de la nuit*, Gallimard, 1952. Louis Madelin, *La victoire de la Marne*, Plon, Paris, 1916. Erich Maria Remarque, *A l'ouest rien de nouveau*, Stock, Paris, 1929. Malraux, *Le Miroir des limbes*, Gallimard, Paris, 1934.

1925-1926 o sentimento dominante era por isso o de ter sido recuperada a *vida habitual*.¹⁶

E todavia eram visíveis três Europas – a *Europa da Revolução*, a *Europa da Contra-Revolução*, e a *Europa da Democracia*.¹⁷

Enquanto a Europa revolucionária fortalecia na URS¹⁸ um centro dinamizador da internacionalização do soviétismo, a crise económica mundial, a partir da queda da Bolsa de Nova Iorque em 1929, colocou um ponto final na anterior década das ilusões. A Europa da Contra-Revolução fortalecia-se, com Mussolini chamado ao governo de Itália em 1922 para implantar o fascismo, com Hitler a criar na Alemanha o WSDAP (Partido Nacional-Socialista) em 1920, com o Almirante Horthy na Hungria em 1920, com Mrg. Speidel na Áustria em 1922, com Primo de Rivera em Espanha e Mustafa Kemal Ataturk na Turquia em 1923, com o Marechal Pilsudski na Polónia em 1926, e Oliveira Salazar em Portugal em 1928, todos orientados por valores nacionalistas, conservadores, autoritários.

Por seu lado, as democracias deram sinais constantes de debilitação, com o frágil Neville Chamberlain a capitular em Munique, na conferência de 1938, onde deixou as mãos livres aos interlocutores Hitler, Mussolini, e Galeazzo Ciano, que seriam responsáveis pela guerra de 1939-1945.

Não fizeram a leitura apropriada da Guerra de Espanha, iniciada em Julho de 1936 sob o comando do General Franco e que serviu de exercício às alianças que se defrontariam na guerra mundial próxima: terminou com uma estimativa de 500.000 mortes, milhares de exilados, com as destruições e a miséria

¹⁶ *A Resolução do Comité Central executivo pan-russo*, de 3 Outubro de 1918, todavia afirmava: “Hoje, como em Outubro do ano passado no momento das negociações de Brest-Litovsk, o governo soviético funda toda a sua política na perspectiva da revolução social num e no outro campo imperialista...” in *Soviet Documents on Foreign Policy*, Oxford University Press, 1951, 1.º Vol., pág. 111.

¹⁷ Nikolai Berdiaev, *L'idée russe: problèmes essentiels de la pensée russe au XIX et au début du XX siècle*, Tours, Marne, 1970. Marc Ferro, *La Révolution russe de 1917*, Flammarion, Paris, 1989. Duroselle, *L'Europe de 1815 à nos jours*, PUF, Paris, 1964. Henri Brunschwig, *Le partage de l'Afrique Noir*, Flammarion, Paris, 1971. Jean-Louis Miège, *L'Imperialisme colonial italien de 1870 à nos jours*, Sedes, Paris, 1968.

¹⁸ *The Columbia History of the World*, cit., *Europe between the Wars*, pág. 1044 e sgts. Paul Johnson, cit., 2.º Volume, *Degringolade*, pág. 247 e sgts. Gordon A. Craig, *Europe since 1815*, cit., *The Peace Treaties*, pág. 487 e sgts. Walter Gaetz, Kurt Wiedenfeld, Max Montgelas, Eric Brandenburg (Coords.), *Historia Universal*, Tomo X, España-Calpe, Madrid, 1961, pág. 409 e sgts. Ian Kershaw, *Hitler*, Allen Lane, Penguin, Nova Iorque, 1998, pág. 497 e sgts.

instaladas em todos os pontos do território.¹⁹ De facto, a Guerra Civil de Espanha consolidou uma tendência, já verificada desde a Revolução Francesa de 1789, para a *articulação entre revolução e guerra*.

Alguns dos pregadores, e ainda raros praticantes, da *santidade* na política, não deixam de avigorar a análise com contribuição de excelência. É uma linha onde pode inscrever-se Simone Weil, que se encontra unida aos movimentos revolucionários, que não se uniu à Igreja pelas imperfeições humanas que lhe reconhecia, mas que entre os que a conheceram deixou a convicção da santidade.²⁰ Foi porém Hannah Arendt, desafiada pelo que chamou *les sombres temps*, que escreveu para *ceux qui naîtront après nous*, mergulhada na tragédia do seu povo judeu, uma profunda meditação sobre a angústia global derivada do totalitarismo de todos os acentos.

Talvez seja exacto que o livro sobre as origens do totalitarismo é um estudo sem conclusões, mas o universo de incerteza em que já viveu não apontou para prospectivas confiáveis.²¹

As democracias, por seu lado, não mostravam sinais de decisão, com a Frente Popular francesa de Blum manietada pelo receio de ser atraída para um conflito que apenas beneficiaria a URSS, com a opinião pública ligada ao sentimento que foi expresso por Roger Martin du Gard: “estou forte como o aço a favor da neutralidade. O meu princípio: qualquer coisa é preferível à guerra! Qualquer coisa, qualquer coisa! Mesmo o fascismo em Espanha... mesmo o fascismo em França... Qualquer coisa: Hitler é preferível à guerra!”²² Seguiu-se o que foi chamado a *demolição da paz*.

O envolvimento de todos os ocidentais implicava, por razões sistémicas, a mundialização da guerra. As consequências seriam cataclísmicas. Foi a mais sangrenta de todas as guerras, causando 50.000.000 de mortes e destruições sem precedente, com os EUA e a Rússia a finalmente liderarem uma organização do

¹⁹ David Thomson, *Democracy in France since 1870*, Penguin, Nova Iorque, 1964. *England in the Nineteenth Century*, e *England in the Twentieth Century*, vols. 8 e 9 da Pelican History of England.

Paul Preston, *Franco*, Harper-Collins, Londres, 1993. Francisco Franco Salgado-Araújo, *Mis conversaciones privadas com Franco*, Barcelona, 1976. José Maria Gil Robles, *No fue possible la paz*, Barcelona, 1968. Pedro Theotónio Pereira, *Memórias, postos em que servir e algumas recordações pessoais*, Lisboa, 1973.

²⁰ Simone Weil, *Reflexions sur les causes de la liberté et de l'oppression sociale*, Gallimard, Paris, 1955; *La Condition Ouvrière*, Gallimard, Paris, 1951; *Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu*, Gallimard, Paris, 1950; *Attente de Dieu*, Colombe, Paris, 1950.

²¹ Hannah Arendt, *Les origines du totalitarisme – Eichmann à Jérusalem*, Gallimard, Paris, 2002. Morreu em 4 de Dezembro de 1975.

²² In Cordon A. Craig, cit., pág. 612.

mundo por metades: duas Europas, duas cidades de Berlim, duas Alemanhas, um modelo que se repetiria nas futuras guerras marginais – duas Coreias, dois Vietnams, duas Chinas. O Império Euromundista desapareceu num desastre das suas novas Romas, esmagadas as cidades pelos bombardeamentos, destruída a economia, roto o tecido social, as populações anarquicamente mortas, mutiladas, famintas, vagabundas. Cidades como Varsóvia, Hamburgo, Berlim, Colónia, Dresden, e Londres, Coventry, Roterdão, foram em muito reduzidas a escombros.

Uma das consequências foi que a *vida* se tornou descartável, e que definitivamente ganhou crédito a opinião antiga do General Fuller de que a guerra Anglo-Boer (1899-1902) fora *The last of the gentlemen's war*, cada lado praticando a *clear war: face to face, men to men, with rifle or sword on equal terms*. As máquinas substituíram, na evolução ocidental, os homens (aviões, carros de combate, submarinos), culminando com o uso da bomba atômica pelos americanos, a caminho de uma guerra em que as armas de destruição maciça vieram a ser usadas pela primeira vez contra as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.²³ Os grandes líderes políticos da guerra, que foram Churchill, Roosevelt, Estaline, quando assinaram os tratados de paz como vencedores, não tiveram a percepção de que esses tratados também eram uma certidão de óbito do Império Euromundista, e que se avizinhava o *modelo da guerra fria*, com os custos da luta pela hegemonia bipolar no *resto do mundo*, aquela prestes a ser envolvida pelas *guerras marginais* e pelo *desafio do fraco ao forte*.

3. O poder dos sem poder e a guerra do fraco contra o forte

Na Conferência de Teerão, realizada entre 26 de Novembro e 1 de Dezembro de 1943, e na Conferência de Yalta que teve lugar entre 4 e 11 de Fevereiro de 1945, Roosevelt, Churchill e Estaline, procuraram definir o futuro do mundo

²³ Luís García Arias, em *La Guerra Moderna y la Organización Internacional*, Instituto de Estudos Militares, Mérida, 1962, avaliou as consequências no plano jurídico, *sobre a legalidade da guerra moderna*. Jacques Fontonelle, *L'Économie des armes*, La Découverte, Paris, 1984, ensaiou definir a dialéctica económica de uma *corrida armamentista*, e o *desarmamento*. John Frederick Charles Fuller, *A Conduta da Guerra*, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 2002, conceptualizou a *Blitzkrieg* de 1940, pág. 450. André Corvisier, *A Guerra*, B.E.E., Rio de Janeiro, 1999. Alberto Asor Rosa, *A Guerra*, Fim de Século, 2006, avalia a evolução em função idealizada de um diálogo com o *Apocalipse* Joanino. Robert L. O'Connell, *Of arms and men, a History of War, Weapons and Men*, Oxford University Press, 1989, acompanha a evolução, desde a Grécia e Roma, até ao modelo dos *exércitos de laboratório*, pág. 356. Vincent Desportes, *Comprendre la Guerre*, Economica, Paris, 2000, regressa ao conceito de Clausewitz – “*le vaincu considere le plus souvent le résultat comme un mal transitoire*”.

em geral e da Europa em particular. Todavia, do ponto de vista da clássica expansão do domínio político, o único vencedor foi Estaline. A Polónia, causa próxima da generalização da guerra, foi um ponto crítico da paz. A expansão soviética, reconhecida pelos aliados, e consolidada pela sua política externa, levou ao sinal de alarme lançado pelo discurso de Winston Churchill de 5 de Março de 1946, afirmando: “De Stetin no Báltico até Trieste no Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre o continente”.²⁴

A Ordem dos Pactos Militares – NATO e Pacto de Varsóvia –, que foi geralmente caracterizada pela expressão *guerra fria*, nunca subiu aos extremos do conflito directo entre os dois Blocos, contidos pelo *medo recíproco*. Mas esbateu-se a distinção entre *guerra interna* e *guerra internacional*, os dois Blocos utilizaram a *guerra por entreposta entidade*, o modelo de *sociedade industrializada* que correspondia aos dois Blocos encaminhou tecnicamente as superpotências para a *guerra de laboratório* que inclui as *armas de destruição maciça* e a proposta de *guerra cirúrgica*, isto é, em que só morrem adversários; pela *geografia da fome* desenvolveu-se o *desafio do fraco ao forte*, que entretanto emigrou para o Norte afluente e consumista, e finalmente deixou ao século XXI a herança do *terrorismo global*.²⁵

Tudo pareceu evoluir em tempo acelerado, desactualizando as doutrinas mais clássicas. As guerras destinadas a manter a submissão dos povos inscritos na definição soviética do espaço europeu, tiveram resposta no valor nacional, mas este sem capacidade expressa em forças armadas. Foi o caso da Hungria, onde as tropas soviéticas, com um violento confronto iniciado em 24 de Outubro

²⁴ É indispensável o relato de Churchill, *The Second World War*, Caesell e Co. Ltd., 6 vols., Londres, 1948. As sequelas da Guerra inspiraram o aparecimento da *História do presente*, muito cultivada no Institut d'Études de Politiques de Paris. Louis Chevalier, *Histoire du XX^{ème} Siècle*, Les Cours de Droit, Paris, Curso de 1966-1967 (pol.). George Berlia, *Cours de Grands Problèmes Politiques Contemporains*, Les cours de Droit, Paris, curso de 1968-1969 (pol.). René Remond, *Histoire Politique Générale*, Institut d'Études Politiques, curso de 1962-1963 (pol.). Mao Tsé-Tung, *Oeuvres Choisies*, Editions Sociales, Paris, 1955, cujo 4.º volume é o que corresponde aos trabalhos conducentes à fundação da República Popular.

²⁵ Jomini, *Précis de l'Art de la guerre*, 1838, onde procurou estabelecer um conjunto de princípios, pouco numerosos, mas de validade científica, todos postos em causa pelo progresso técnico. De Clausewitz, porém, sobreviveu pelo menos a compreensão de que as forças morais são a “lâmina fulgurante da espada”. Por outro lado, os fundamentos económicos da força militar, que despertaram a atenção de Adam Smith e Hamilton, foram secundarizados pelo espírito de audácia dos sem poder. Mesmo os teóricos marxistas, sobretudo Engels, quando chegaram ao conceito do *Estado Revolucionário*, consideraram a *nação armada* como o modelo ideal que a URSS afirmou materializar, mas que não resistiu às forças desmobilizadoras do Império: Edward Mead Earle, *Les Maitres de la Stratégie*, Berger-Levrault, Paris, 1980, 1.º vol.

de 1956 sem grande êxito, mas esmagadoras a partir de 4 de Novembro, liquidaram a resistência da população.

Dez anos depois, quando Dubcek pretendeu criar na Checoslováquia um socialismo de rosto humano, de novo os tanques impuseram a ordem soviética, e, tal como sempre aconteceu, sem reacção ocidental.

Desse lado ocidental, a política que foi chamada *à sombra do cubano*, traduziu-se, no continente americano, no exercício de manter a supremacia, usando a *estaca* e a *diplomacia do dólar* dos EUA. Logo em 1954, na X Conferência Interamericana, John Foster Dulles, invocando a ditadura soviética sobre os países do leste europeu, proclamou que não podia ignorar-se o perigo comunista no hemisfério, pelo que o seu país exerceu uma polícia permanente para manter regimes fiéis, ainda que corruptos. Todavia, Cuba foi, em primeiro lugar, o detonador do perigo mais agudo de o confronto nuclear ter sido desencadeado, quando (1962) o Presidente Kennedy teve de intimar a URSS, liderada por Khrushchev, a retirar os mísseis que ali tinha instalado.

Mas Cuba também esteve na origem da consagração *das redes* que, usando a *guerrilha*, desafiaram eficazmente a hegemonia americana, e as estruturas conservadoras nos países pobres do sul. Foi Che Guevara, chamado um *artista da guerra de guerrilha*, quem pretendeu transformar os Andes na *Sierra Maestra do continente*, sendo morto na Bolívia em 1967, em exercício, mas ficando como um inspirador. Homens como Marighella, doutrinador da *guerrilha interna* no Brasil, deram consistência ao método. Foi também Cuba a internacionalizar a solidariedade com África ao enviar o contingente militar para Angola, combatendo contra a UNITA e a hegemonia americana, ao lado do governo na guerra civil de dezoito anos.²⁶

Em todas as guerras, chamadas civis ou internas, visando ocupar o poder total nas antigas colónias de África (Angola, Moçambique, Zaire, Gana, Mali, Nigéria, Biafra), as superpotências estiveram no processo, e animaram o flagelo do comércio das armas que só os países ricos do norte produzem, proporcionaram a entrada em acção dos mercenários – cães de guerra –,

²⁶ “Che” Guevara, *Oeuvres, I, Textes Militaires*, Paris, 1968. “Che” Guevara, *Instructions pour les cadres destinés au travail urbain*, in Tricontinental, 1968. Carlos Marighella, *Pour la libération du Brésil*, Paris, 1970. Na 1.ª Reunião da Organização Latino-Americana de Solidariedade, em 1967, Castro proclamou uma política de *conflito armado* para destruir a estrutura mundial do poder, in *The Columbia History of the World*, cit., pág. 1099. Pablo Neruda, no *Romancero* de 1950, inspirando-se em Estaline, lembra os mártires do sistema, e apela a “*que o vosso martírio nos ajude a construir um país severo que saiba florir e castigar*”. George Orwell, no famoso 1984, aparecido em 1949, advertia contra a deriva das sociedades afluentes para um verdadeiro novo totalitarismo apoiado na “explosão científica e técnica”.

tudo com expressão em centenas de milhares mortos, incluindo crianças combatentes, e picos de genocídio como no Biafra, e no Corno de África.

As piores guerras foram porém aquelas em que directamente intervieram os exércitos das potências em concorrência, com destaque para as guerras de *libertação colonial*, e para as *guerras de contenção*.

Nas primeiras inscreve-se a derrota da França na Indochina, cujo exército foi esmagado em Dien Bien Phu (1954), vencido por um general vindo da vida civil, Giap, que usou a imaginação, a vontade, e o levantamento popular, para derrotar a ciência, a técnica, e a organização sofisticada dos franceses, uma clara vitória do fraco contra o forte. Um território onde em seguida os EUA, que intervieram para evitar a sovietação do Vietname, exercitaram a sofisticação técnica, e a guerra química para a devastação da natureza, tiveram de capitular (1973) sem que o povo americano tenha conseguido reconciliar-se até hoje com a experiência.

Também não foi absolutamente triunfante a guerra da Coreia (1950-1953), onde a contenção já defrontou a China, um processo que promoveu o primeiro confronto entre a chefia militar desobediente (General Mac Arthur) e o poder político (Presidente Truman), e em que a *política* das *metades* se repetiu ao longo do paralelo 38, criando duas Coreias (1953). Enquanto os *sem poder* ganhavam credibilidade, com os seus meios limitados, as superpotências continuaram a escalada esgotante de recursos para ganharem a supremacia estratégica, até que a *Guerra das Estrelas* do Presidente Reagan, supostamente garantindo a total imunidade dos EUA, contribuiu para que a URSS, atingida pela lei da fadiga dos metais que ronda os impérios, abandonasse a competição, liderada por Gorbachev com a sua política da Perestroika, demolindo o Muro de Berlim em 1989.

A explosão de alegria que se estendeu do Atlântico aos Urales teve então a sua versão de *paz para os nossos dias* com a imaginada adesão mundial à utopia do *fim da história*, supondo o mundo destinado à *democracia*, à *teologia de mercado*, e ao *respeito pelos direitos humanos*, versão americana.²⁷

Mais advertidas, ouviram-se as vozes que apelaram ao regresso à reposição dos *pilares da ética*, como doutrina o PNUD, à revisão dos doutrinadores seculares da paz como intentou a UNESCO, à análise das obscuras e sombrias causas das guerras, e até ao apelo aos céus como fizeram o Concílio Vaticano II, e João Paulo II quando proclamou Santo Thomas Morus patrono de governantes e parlamentares. Rapidamente, a superpotência sobranceira foi atingida pela solidão

²⁷ Abel Aganbegyan (ed.), *Perestroika*, Charles Scribner's Sons, New York, 1988. Youri Afanassiev e Marc Ferro (Dirts.), *50 idées qui ébranlent le monde, Dictionnaire de la Glasnot*, Payot, Paris, 1989.

das alturas, de que fala Schwartzberg, e com a administração republicana de George W. Bush, em exercício, acentuou o *unilateralismo*, reformulou o antigo conceito do *resto do mundo* para o conceito do *eixo do mal* abrangente dos países que considera *não confiáveis*, ultrapassou a prudência que manda usar a *mentira real* com moderação, envolveu os EUA na II *Guerra do Iraque* quebrando a unidade dos aliados na NATO, provocando a divisão de vozes na União Europeia, e desacreditando as lideranças que o acompanharam: está em curso a demonstração de que a *guerra cirúrgica* é uma ilusão desfeita pela necessidade de pisar o terreno, que a *supremacia técnica* não derruba o *poder dos sem poder* no confronto guerrilheiro, que o *fim da história* cede lugar ao multiculturalismo com voz e intervenção plural, que o império pode ser atingido em centros e valores vitais por *poderes em rede* que reformulam o terrorismo histórico. A evolução desencontrada da sofisticação técnica das superpotências por um lado, e por outro do exercício da *lei da reflexividade* que orienta o voluntarismo e a imaginação dos sem poder, fez derivar a ordem internacional para uma conjuntura de anarquia, a exigir a reinvenção da governança mundial.

O 11 de Setembro, que humanamente não teve a dimensão de Hiroshima, politicamente teve uma dimensão de ameaça do fim de império: a Al Qaeda revela-se como uma referência dinamizadora de uma *rede* de centros autónomos, que assim preservam a consistência quando algum dos elos é atingido; não declaram os objectivos estratégicos cuja obtenção os apaziguaria; ao contrário da ética militar ocidental, matam sobretudo inocentes para quebrar a confiança da população nos governos, para implantar o medo na sociedade civil, para promover degradações securitárias da ordem jurídica, para enfraquecer as solidariedades dos Estados ocidentais e tornar mais severa as suas dependências energéticas e de matérias-primas.

Parece um triunfo póstumo do Maiosmo, na data em que a China se afirma como poder emergente que se afasta dessa doutrina, e sem cuja participação não será possível ultrapassar a crise de governança mundial. Trata-se de o antigo *resto do mundo* do império euromundista, agora Estados do sul do mundo, dos países da geografia da fome, enfim do *campo a desafiar a cidade*, mas com acesso às tecnologias mais avançadas, abusados e abusando do tráfego das armas que deixa antever a obtenção de todas as armas de destruição maciça, e até dispondo da arma da miséria que descontrola as migrações em direcção ao mundo afluyente, obrigado a recorrer ao muro defensivo ao longo do Rio Grande, e a definir uma fronteira segura nos limites da União Europeia.

O ocidente recorda os autores da perspectiva da decadência, o Papa lembra acidentalmente as palavras do Imperador do Oriente Manuel II Paleólogo,

cercado em Constantinopla nas vésperas do desastre final, e na sede da ONU, a voz do Secretário Geral em fim de mandato, Kofi Annan, apela à reorganização da governança mundial a partir do único lugar onde todos ainda falam com todos. A comunidade internacional tem esta perspectiva tripla: afundar-se com as soberanias unilateralistas; deixar agir a natureza das coisas, rezando por uma luz ao fundo do túnel; compreender que tendências não são destino, e assumir a gestão da mudança. Por enquanto o conceito que melhor corresponde à conjuntura, é o de anarquia.

Virgil Gheorghiu, em 1950, advertia no seu *La 25 éme heure*, que a guerra mundial foi “uma simples revolução interior, exclusivamente ocidental”. O unilateralismo, endurecendo com a administração republicana dos EUA, suscita a perplexidade de Mark Hertsgaard a meditar sobre *The Eagle's Shadow* (2002), tema dos receios que a superpotência espalha pelo mundo. Gabriel Kolko, celebrado autor de *Century of War y Anatomy of a War*, interroga-se sobre se enfrentaremos *Another Century of War*, (2002). No seio dos EUA, Michael Walzer, professor de Princeton, conclui em *Just and unjust wars* (1997) que “o tema da guerra justa é um guia necessário para a tomada de decisões democráticas”. João Paulo II convocou para Assis todas as confissões religiosas para meditarem sobre os valores comuns em que poderão convergir para conseguir a paz para os nossos dias. Politólogo tão autorizado como Norberto Bobio, depois de visitar, em *Il problema della guerra e la vie della pace* (1979), todas as concepções da guerra e propostas de caminhos para a paz, regressa ao pacifismo de Gandhi, o que de facto é uma prece para que a santidade entre na política. Os 170 Estados reunidos na ONU, na Cimeira de Setembro de 2005, convocada para reorganizar a governança mundial, não ultrapassaram a cortina semântica que os impede de regressarem ao mundo do real. Talvez por isso, ainda que cresça o número dos que não se identificam com igrejas organizadas, as estatísticas vão mostrando que cresce o apelo à transcendência. Uma espécie de alienação paralisante da vontade de tomar em mãos a construção do futuro. Em paz.